

A FILOLOGIA SAUSSURIANA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Marcio Alexandre CRUZ¹

- **RESUMO:** Parece que uma determinada representação de Saussure se desfaz sob nossos olhos atualmente, e não é sem um certo embaraço que continuamos a veicular a imagem de um Saussure estruturalista, que teria fundado a ciência linguística ao delimitar seu objeto, a língua – oposta à fala – e que deve ser estudada nela mesma e por ela mesma. Mas a que atribuir essa mudança de representação a que se assiste hoje em torno da figura de Saussure? Certamente à descoberta dos manuscritos do autor, dirão alguns, em particular os filólogos dos textos saussurianos. Essa posição não é, contudo, unânime, e divergências advindas do interior da própria filologia podem ser observadas. É precisamente dessas divergências de que nos ocuparemos aqui. Analisaremos pelo menos duas posições contrastantes relativas a essa problemática, mais exatamente, a posição de Simon Bouquet e a de Rudolf Engler. Trata-se de um estudo em perspectiva histórica. Assim, procuraremos aqui reconstituir o contexto de emergência da filologia saussuriana, recuperando suas motivações iniciais e as formas que ela tomou ao longo do século XX, o que permitirá melhor compreender a problemática que ora levantamos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Estudos saussurianos. História das ideias linguísticas. Saussurianismo. Saussure. Filologia saussuriana.

Introdução

Parece que uma certa representação de Saussure está se desfazendo sob nossos olhos atualmente, e não é sem um certo embaraço que continuamos a veicular nos cursos de introdução à linguística a imagem de um Saussure estruturalista, que teria fundado a ciência linguística ao delimitar seu objeto, a língua, oposta à fala e definida como um sistema de signos que deve ser estudado nele mesmo e por ele mesmo, abstração feita de toda historicidade ou subjetividade. Afinal, sabe-se hoje que para Saussure a língua não existe independentemente dos sujeitos. Segundo o próprio autor, “[...] a língua não é uma entidade e não existe senão nos sujeitos falantes.” Ela não existe tampouco fora do fato social: “apenas o fato social pode criar um sistema linguístico.” Ainda, não se trata de pensar a língua como um sistema imutável: “[...] a imobilidade absoluta não existindo em matéria de linguagem, no fim de um certo lapso de tempo a língua não será mais

¹ FUNDEPES – Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas. Centro – Maceió – AL – Brasil – 57020-030 – marcioalexandreacruz@hotmail.com

idêntica a si mesma”. Para Saussure, “[...] uma língua é radicalmente incapaz de se defender contra os fatores que deslocam de instante em instante a relação do significado e do significante.” Assim, “[...] o homem que pretendesse criar uma língua imutável [...] se pareceria com a galinha que chocou um ovo de pata: a língua criada por ele seria arrastada quer ele quisesse ou não pela corrente que leva toda língua”. Poderíamos multiplicar as citações.

A tentação é grande de atribuir essa mudança de representação hoje em marcha à descoberta das fontes manuscritas de Saussure. De fato, as críticas que lhe foram endereçadas visavam unicamente o *Curso de linguística geral*, redigido por Charles Bally e Albert Sechehayé. Essa obra, segundo François Rastier (2003, p.25), não ilustra “de modo algum” o pensamento de Saussure. Na opinião de Simon Bouquet (2003, p.11), trata-se aí de uma “herança atrasada”: “[...] o pensamento de Saussure teria sido conhecido, reconhecido, interpretado, criticado, em uma palavra, *assimilado* pela história das ideias, muito antes de serem descoberto em seus textos originais.” Segundo ele, esses textos foram “[...] apagados como os de um palimpsesto sob as linhas do livro de 1916”, de modo que “[...] é somente no século XXI que eles se tornam acessíveis, ao mesmo tempo legíveis em sua continuidade e auxiliados pela filologia necessária.” (BOUQUET, 2003, p.12). Portanto, seria tempo de ler Saussure.

O projeto que se delineia a partir daí visa à reconstituição do seu pensamento, desta vez do suposto verdadeiro porque a partir das fontes manuscritas do autor. Se tal reconstituição pode ser interessante hoje, é que as ideias de Saussure são consoantes, segundo Bouquet (1999), com os desenvolvimentos atuais da linguística: se o século XX foi o século das teorias linguísticas fundadas numa abordagem “lógico-gramatical”, isto é, uma abordagem “fregeana”, em que “se analisa a composicionalidade atômica do sentido”, hoje a linguística parece rearticular essa abordagem a outra tradição das ciências da linguagem, isto é, à tradição “retórico-hermenêutica”, “não-fregeana”, em que “[...] se *interpreta* o agenciamento dos átomos de sentidos a partir de outras bases que sua composicionalidade.” (BOUQUET, 1999, grifo do autor). Na opinião de Bouquet, Saussure é o teórico não somente da dimensão lógico-gramatical, mas da dimensão retórico-hermenêutica também: “[...] se a teoria saussuriana do signo trata, de fato, de um signo composicional [...] Saussure tematiza o valor linguístico de tal forma que ele deixa aberta a questão do sentido [...] de modo que a essa abertura possa corresponder o domínio da linguística da fala”. (BOUQUET, 1999).

O projeto filológico-crítico de Bouquet parece partir das seguintes premissas:

- (1) o *Curso* é um texto inteiramente apócrifo;

- (2) se uma mudança de representação em relação a Saussure se opera atualmente, ela se deve à descoberta das fontes manuscritas, apenas efetivamente acessíveis neste início de século.

Essas ideias não são, contudo, livres de objeções. No que concerne a (1), é preciso observar que as citações de Saussure mais acima apresentadas e que parecem mostrar um Saussure não estruturalista foram extraídas do próprio *Curso de linguística geral*, publicado em 1916². Não pretendemos, evidentemente, com esse arranjo de citações afirmar pura e simplesmente que o *Curso* redigido por Bally e Sechehaye reflete o pensamento de Saussure, mas apenas que as escolhas dos editores não foram tão infelizes como se costuma pensar em geral e que, se o *Curso* não é um texto “autêntico”, ele não é tampouco um texto inteiramente “apócrifo”. Como explicar, por exemplo, uma leitura de Saussure como aquela feita por Maurice Merleau-Ponty (1953, p.55-56), que, não tendo tido acesso às fontes manuscritas, afirmou em 1953:

A união da filosofia e da história revive, como acontece com muitas intuições filosóficas, em pesquisas mais especiais e mais recentes que não se inspiram expressamente de Hegel ou Marx, mas que reencontram seu traço porque elas enfrentam as mesmas dificuldades. A teoria do signo, tal qual a linguística elabora, implica talvez uma teoria do sentido histórico que passa além da alternativa das coisas e das consciências. A linguagem viva é esta concreção do espírito e da coisa que faz dificuldade. No ato de falar, em seu tom e em seu estilo, o sujeito atesta sua autonomia, pois nada não lhe é mais próprio, e, porém, ele é ao mesmo tempo e sem contradição voltado para a comunidade linguística e tributária da língua. [...] Há aí uma racionalidade na contingência, uma lógica vivida, uma autoconstituição da qual nós temos precisamente necessidade para compreender em história a união da contingência e do sentido, e Saussure poderia muito bem ter esboçado uma nova filosofia da história.

A leitura de Merleau-Ponty (1953), com efeito, aproxima-se, em muitos aspectos, de muitas das leituras recentes baseadas em fontes manuscritas, em que uma interpretação demasiado radical das famosas dicotomias saussurianas tende a ser nuançada. Quanto à (2), não podemos esquecer que a maior parte das fontes manuscritas de Saussure (2002) que compõem os *Écrits de linguistique générale* já se encontrava disponível desde 1968. Por que, então, elas não foram devidamente consideradas?

O continente do saussurianismo é um continente de vozes dissonantes e a voz de Bouquet não é certamente a única. No interior desse continente complexo, é fácil identificar pelo menos outra orientação de caráter histórico. Essa

² Confira Saussure (1985, p.19, 157, 273, 110, 111 respectivamente).

orientação trabalha com a hipótese de que se Saussure não foi efetivamente lido, foi menos em função de uma “herança atrasada” do que do modo de existência e de circulação do *Curso de linguística geral*. De fato, para essa orientação, a teoria saussuriana teria sido menos uma teoria efetivamente aplicada, testada e, finalmente integrada/superada, do que um instrumento que permitiu num dado momento da ciência linguística justificar uma série de abordagens que emergem ao longo de todo o século XX. O projeto que se delineia a partir dessa orientação, que chamaremos de histórica, em oposição àquela representada hoje por Bouquet, sobretudo, e que chamaremos, por sua vez, de filológica, é de outra ordem: trata-se de investigar os modos de apropriação do *Curso*, considerado antes de tudo como um objeto histórico (NORMAND et al., 1978; CHISS; PUECH, 1997, 1999; PUECH, 2000).

Críticas ao projeto de Bouquet emergem, contudo, do interior da própria filologia, de modo que não se trata aí de um domínio consensual. Eis precisamente o objeto de nossa contribuição. Analisaremos aqui algumas posições da filologia saussuriana relativas a essa problemática que acabamos de levantar e que pode ser formulada nos seguintes termos: a que atribuir a mudança de representação a que se assiste hoje em relação à figura de Saussure? Não abordaremos aqui, portanto, a posição da orientação histórica em face dessa problemática, que será objeto de uma reflexão futura. Propomos iniciar nosso percurso reconstituindo o contexto de emergência da filologia saussuriana, recuperando suas motivações e interesses iniciais e as formas que ela tomou durante o século XX, o que permitirá melhor situar nossa problemática.

A emergência da filologia saussuriana

Se entendermos a filologia saussuriana como o conjunto de trabalhos visando à reconstituição do pensamento de Saussure – em particular aquele relativo à linguística geral – então sua origem deve ser situada, a bem dizer, muito antes dos trabalhos de Bouquet e mesmo de Rudolf Engler e Robert Godel. Com efeito, esses autores continuam uma tradição iniciada pelos próprios editores do *Curso*. Ainda, é preciso dizer que a filologia saussuriana se desenvolve sob diferentes formas ao longo de toda sua história, de modo que a posição de Bouquet não é uma posição da filologia saussuriana, mas, diríamos, de uma **certa** filologia saussuriana.

Se a filologia saussuriana privilegia, como acabamos de observar, as reflexões de Saussure sobre a linguística geral, é que se trata aí do seu aspecto mais importante para o presente da ciência linguística. Ainda, esse é o aspecto mais instigante das reflexões saussurianas, por diversas razões, em particular, por seu *status* marginal na vida pública de Saussure. Vejamos.

Como se sabe, em dezembro de 1878, Saussure publica sua obra-prima, uma obra de linguística histórica. Trata-se do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Antoine Meillet (1938, p.183) então célebre linguista francês, dirá que o *Mémoire* é, sem dúvida, “o mais belo livro em gramática comparada já escrito” e, segundo Morpurgo-Davies (2004, p.15), essa apreciação é válida ainda hoje. Esse trabalho em gramática comparada lhe rende enorme fama aos 21 anos de idade. Para seus contemporâneos, Saussure era, de fato, um eminente comparatista. Suas reflexões sobre a linguística geral se desenvolvem de forma bastante diferente. Saussure em vida apenas publicou trabalhos de linguística histórica³.

Diríamos mesmo, em relação ao lugar da linguística geral na vida de Saussure, que se tratou de um acidente, um duplo acidente. Por um lado, essa reflexão lhe é imposta pela prática de linguista e se inicia, ao que parece, somente depois de seu retorno a Genebra⁴. O fragmento que reproduzimos abaixo é proveniente de uma carta que Saussure escreve em 1894 a seu antigo aluno e amigo Antoine Meillet e ilustra bem esse *status* particular das preocupações de Saussure sobre a linguística geral:

Mas eu estou bem descontente com tudo isso e com a dificuldade que há em geral em escrever dez linhas que sejam tendo o senso comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado, sobretudo, há muito tempo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista a partir dos quais nós os tratamos, eu vejo cada vez mais ao mesmo tempo a imensidade do trabalho que será preciso para mostrar ao linguista o que ele faz; reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e ao mesmo tempo a imensa puerilidade de tudo o que se pode fazer finalmente em linguística.

É, em última análise, somente o lado pitoresco de uma língua, o que faz com que ela difira de todas as outras como pertencente a certo povo que tem certas origens, é esse lado quase etnográfico que conserva para mim um interesse: e precisamente eu não tenho mais o prazer de poder me livrar a esse estudo sem hesitações, e de desfrutar do fato particular tendo lugar num meio particular.

Sem parar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico, ainda que eu não tenha outro desejo que o de não ter de me ocupar com a língua em geral.

³ Os trabalhos de Saussure publicados em vida foram reunidos, em 1922, por Charles Bally e Léopold Gautier numa coletânea intitulada *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*.

⁴ Tendo concluído seus estudos na Alemanha em 1880, Saussure parte para Paris onde, a convite de Michel Bréal, ensinará de 1881 a 1891 na École des Hautes Études. Tendo sido em 1891 indicado para substituir Bréal no célebre *Collège de France*, Saussure decide, por razões que restam obscuras, retornar a Genebra onde permanecerá até o fim de sua vida (DE MAURO, 1985a).

Isso terminará apesar de mim com um livro no qual, sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribuo um sentido qualquer. E é somente depois disso, confesso, que eu poderei retomar meu trabalho no ponto em que eu o havia deixado⁵.

Nesta carta, Saussure confessa seu descontentamento diante dos estudos linguísticos. Ainda que seja apenas esse lado quase etnográfico da pesquisa que conserva para ele um interesse, ele se sente impossibilitado de continuar suas reflexões tendo em vista o estado atual dos estudos linguísticos e a necessidade de uma reforma. Trata-se, portanto, de uma reflexão que se dá em função de um problema com o qual Saussure se depara, problema de ordem menos linguística do que epistemológica.

Outro acidente concerne à exposição pública dessas idéias que Saussure desenvolve no âmbito privado apenas e, provavelmente, assim teria sido até o fim se Joseph Wertheimer não tivesse se aposentado, tendo sido confiado a Saussure o curso até então ministrado por esse professor na Universidade de Genebra, intitulado “linguística geral e de história e comparação das línguas indo-europeias”. Isso se passa somente em 1906. Serão ao todo três cursos, o primeiro, ministrado de janeiro a julho de 1907, o segundo, de novembro de 1908 a junho de 1909 e, finalmente, o terceiro, de outubro de 1910 a julho de 1911. É importante observar ainda que o conteúdo previsto, como o próprio nome do curso indica, não se restringe unicamente à linguística geral, a linguística histórica também sendo contemplada.

É grande o interesse no que seriam os ensinamentos do eminente linguista sobre a linguística geral por parte dos seus contemporâneos. Trata-se aí, com efeito, de um tema em voga no fim do século XIX e início do século XX, período caracterizado pela ideia de que é tempo de constituir uma ciência geral da linguagem depois de um século de pesquisas em torno da diversidade das línguas. O que designa esse termo? Em princípio, ele remete a uma pluralidade de pontos de vista, estando longe de ser objeto de um consenso, podendo significar pelo menos duas coisas: de um lado, uma síntese de resultados, isto é, a uma generalização sob a forma de leis e tendências a partir das pesquisas histórico-comparativas anteriores; de outro, o estabelecimento de princípios *a priori* permitindo definir e descrever toda língua. As reflexões de Saussure concernem a este último, assim como as de Henry Sweet, Kruszewski, Baudouin de Courtenay, Victor Henry... Quanto ao primeiro sentido, este diz respeito aos trabalhos de linguistas como William Dwight Whitney, Michel Bréal, Antoine Meillet, Joseph Vendryes, Otto Jespersen...⁶

⁵ Confira Benveniste (1966, p.37-38).

⁶ sobre esse tema, confira Normand (2000a, 2000b, 2000c).

A tentativa de reconstituição do pensamento de Saussure sobre a linguística geral se inicia imediatamente após a sua morte, em 22 de fevereiro de 1913. Inúmeras declarações de contemporâneos mostram o grande interesse nesse pensamento, a possibilidade de reconstituí-lo, as dificuldades que tal projeto poderia apresentar... Meillet (apud ENGLER, 2004, p.49) observa que

Da reflexão sobre a linguística geral que ocupou uma grande parte dos últimos anos de Saussure, nada foi publicado. [...] Somente os alunos que assistiram aos cursos de Saussure em Genebra tiveram até agora o privilégio de seu pensamento; somente eles conhecem as formulações exatas e as imagens bem escolhidas que ele teria usado para iluminar um novo assunto.

Numa carta de Mme de Saussure endereçada a Antoine Meillet datada de 25 de maio de 1913, podemos constatar o interesse por parte de alunos de Saussure em publicar suas reflexões: “[...] muitos de seus alunos me perguntaram se não poderia haver, entre suas notas, algo de publicável”⁷. Leopold Gautier (apud ENGLER, 2004, p. 49), que assistiu aos dois primeiros cursos, pergunta o que poderia haver nos papéis e notas pessoais de Saussure: “[...] parecia óbvio que [eles] poderiam conter verdadeiros tesouros, que deveriam, é claro, ser compartilhados”. Contudo, nada senão algumas notas não classificadas foram encontradas, de modo que ele conclui: “todo o magnífico esquema estava na mente do autor” (GAUTIER apud ENGLER, 2004, p.49). O problema que se colocava era: como proceder no caso de uma eventual publicação? Em sua correspondência a Meillet, Mme de Saussure (apud ENGLER, 2004, p.49) sugere:

Talvez examinando as notas tomadas por vários estudantes em anos diferentes se possa ter uma ideia relativamente completa de um de seus cursos, mas para fazê-lo, não devemos agir apressadamente – Você não concorda? – Pode-se com uma publicação demasiado apressada desfazer todo um trabalho ao qual se teria feito justiça se se tivesse dado o tempo necessário.

Pelo menos dois projetos editoriais relativos à publicação das ideias de Saussure sobre a linguística geral podem ser identificados nesse momento que se segue à morte do linguista. De um lado, o projeto que Charles Bally concebe, juntamente com Albert Secheyaye e com a colaboração de Albert Riedlinger; de outro, um projeto que Antoine Meillet pretendia realizar com a colaboração de Paul Regard. É importante observar que nem Charles Bally, nem Albert Secheyaye, nem Antoine Meillet assistiram aos cursos de Saussure sobre a linguística geral, de onde o auxílio de Albert Riedlinger e de Paul Regard, que assistiram aos dois primeiros cursos.

⁷ Confira Engler (2004, p.49).

No que diz respeito ao projeto de Bally, este afirma, em correspondência endereçada a Antoine Meillet, datada de 29 de maio de 1913, que, tendo sido informado de seu projeto com a colaboração Paul Regard, logo pediu a opinião de alguns alunos de Saussure a propósito da natureza das lições e das condições mais adequadas de uma possível publicação. Segundo ele, “[...] todos insistem no fato de que, seja qual for o modo de publicação a ser adotado, o trabalho não deveria ser baseado nas notas de *um* estudante tendo assistido a *um* dos três cursos.” (BALLY apud ENGLER, 2004, p.49-50). Eles parecem insistir na importância de não se deter nos detalhes, mas de procurar apreender o conjunto da obra.

Foi essa orientação que prevaleceu na organização do trabalho que Bally e Sechehaye empreenderam com a colaboração de Albert Riedlinger: “[...] nossa ideia orientadora foi a de traçar um todo orgânico sem negligenciar nada que pudesse contribuir para a impressão de conjunto.” (SAUSSURE, 1985, p.9-10). Ao que tudo indica, o projeto de publicação que Antoine Meillet e Paul Regard pretendiam realizar era, diferentemente, o de uma antologia. É ao menos o que parece mostrar o fragmento abaixo em que Paul Regard (apud DE MAURO, 1985b, p.406) faz o seguinte comentário sobre o *Curso de linguística geral*, três anos depois de sua publicação:

Quanto ao livro em si e à questão da publicação póstuma em seu conjunto, pode-se apenas regozijar com o sucesso brilhante que coroou a tentativa de MM. Bally e Sechehaye. Certamente, e eles o sentiram melhor que ninguém, o desenho mesmo que eles conceberam e realizaram é criticável. Um aluno que ouviu uma parte importante das lições de F. de S. sobre a linguística geral e conheceu vários dos documentos sobre os quais repousam a publicação experimenta necessariamente uma desilusão de não mais reencontrar o charme refinado e cativante das lições do mestre. Ao preço de algumas repetições, a publicação das notas dos cursos não teria conservado mais fielmente o pensamento de F. de S. com sua força, sua originalidade? E as próprias variações que os editores pareciam ter medo de publicar não teriam oferecido um interesse singular?

As fontes manuscritas do *Curso de linguística geral*

A recepção do *Curso* pelos contemporâneos de Saussure não suscita muitas discussões sobre a autenticidade da obra, de modo que críticas como essa de Paul Regard são, de fato, raras. Isso não mudará durante muito tempo. Com efeito, a autenticidade do *Curso* só começará a ser questionada na ocasião de um intenso e complicado debate em torno do arbitrário do signo que se desencadeia em 1937, com a publicação no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique* do artigo de Edouard Pichon (apud ARRIVÉ, 1999, p.43) intitulado “La linguistique

en France: problèmes et méthodes”. Nele, o autor denuncia um suposto “erro de Saussure”:

[...] o signo é arbitrário, pois um significante tal como b-ö-f não tem nenhuma relação com o seu significado. A possibilidade de expressar em alemão o mesmo significado pelo significante o-k-s é realmente a prova desse caráter arbitrário. [...]

Não é necessário ir mais longe; o erro de Saussure é, na minha opinião, evidente. Ele consiste no fato de que Saussure não se dá conta de que introduz no curso da demonstração elementos que não estavam no enunciado. Define primeiro o significado como sendo a ideia geral de boi; depois, comporta-se como se esse significado fosse o objeto chamado boi, ou pelo menos a imagem sensorial de um boi... Ora, essas duas coisas são completamente diferentes.

Dois anos mais tarde, Benveniste retoma algumas das teses de Pichon em seu artigo intitulado “Nature du signe linguistique”, publicado originalmente na revista *Acta linguística* e, mais tarde, no primeiro volume da coletânea *Problèmes de linguistique générale* (1966). Mas, se Benveniste, por um lado, denuncia o recurso “[...] inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial” (BENVENISTE, 1966, p.50), por outro, ele sublinha o contraste entre essa curta passagem do *Curso* e o resto da obra, distinguindo-se, nesse ponto, de Pichon. Como afirma De Mauro (1985a, p.444), Benveniste vê, com efeito, a essência da teoria saussuriana na concepção de língua como sistema de valores relacionais. O lingüista francês atribui, contudo, essa contradição a

[...] um traço distintivo do pensamento histórico e relativista do fim do século XIX, um procedimento próprio dessa forma de reflexão filosófica que é a inteligência comparativa. Observamos nos diferentes povos as reações que suscita um mesmo fenômeno: a infinita diversidade das atitudes e dos julgamentos leva a considerar que nada aparentemente é necessário. (BENVENISTE, 1966, p.50-51).

Uma série de críticas ao suposto “convencionalismo” de Saussure se inicia, porém, após a publicação desse artigo de Benveniste (1966). Charles Bally, Albert Sechehaye, Henry Frei entram no debate defendendo Saussure, ou, antes e, sobretudo, a validade da tese do convencionalismo, afirmando que Saussure era, de fato, um convencionalista. A posição assumida por aqueles que criticavam Saussure e que, portanto, sustentavam a ideia de que o signo é motivado, seja de um ponto de vista onomatopaico, estético, espiritual, etc., bem como aquela assumida por seus defensores, num ponto convergiam: ambas compartilhavam a evidência de que Saussure teria sido um convencionalista. De Mauro (1985b) identifica, contudo, nesse debate, uma terceira posição que, diferentemente

dessas duas, procura, antes, suspender essa evidência e aprofundar o debate estabelecendo, antes de tudo, duas exigências, que ele assim resume:

A primeira é a exigência de aprofundar a interpretação analítica do texto do C.L.G., a propósito do qual se começa a notar os emaranhados, as suturas forçadas, as justaposições ambíguas; a segunda é a exigência de aprofundar o valor intrínseco da noção mesma de arbitrário, especialmente em seu aspecto semântico, pois se a fonemática progressivamente aprofundou a noção saussuriana do aspecto relacional dos valores fonemáticos, a semântica, por sua vez, na época do debate [...] permanece geralmente ligada à crença aristotélica da universalidade dos significantes. (DE MAURO, 1985b, p.444).

Interessa-nos em particular a primeira exigência, que o artigo de Mario Lucidi, entre outros, publicado em 1950, ilustra bem. Nesse texto, lemos:

É perceptível nas passagens a imprecisão que invade toda a exposição do *Curso*, consequência inevitável da gênese do livro, nascido, como se sabe, das lições orais e organizado em diversos cursos que não eram destinados à publicação. Assim por exemplo a proposição “o significado ‘boeuf’ tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira e *o-k-s* (Ochs) do outro” é inexata em relação aos desenvolvimentos ulteriores da teoria saussuriana, na medida em que o significado sendo unicamente a contrapartida do significante, não se pode falar de um significado “boeuf” em geral se opondo aos significantes *b-ö-f* e *o-k-s*, mas de um significado “boeuf” e de um significado “Ochs”. (LUCIDI apud DE MAURO, 1985b, p.443).

Como podemos observar, diferentemente de Benveniste no artigo citado mais acima, Lucidi parece atribuir a contradição de Saussure à redação do *Curso*, texto, como ele observa, não destinado à publicação. Está posta aí claramente a necessidade de uma leitura do *Curso* auxiliada pelas fontes manuscritas que lhe serviram de base e mesmo textos do próprio do Saussure quando possível, a que responde primeiramente o trabalho do genebrino Robert Godel (1957) intitulado *Les sources manuscrites du “Cours de linguistique générale” de Ferdinand de Saussure*. Esse trabalho consiste numa descrição do material que serviu de base à constituição do *Curso* bem como numa reflexão aprofundada concernente aos principais problemas de interpretação.

Pouco mais tarde, em 1968, o bernense Rudolf Engler publica sua monumental edição do *Curso*, intitulada simplesmente *Cours de linguistique générale Tome 1*. Trata-se de uma edição em que o texto do livro de 1916 é posto em paralelo com as notas dos cadernos de estudantes (entre os quais, cadernos cuja existência era ignorada por Bally e Sechehaye) e rascunhos de Saussure, seguindo um

modelo esboçado por Jean Rychner e indicado a Engler por Georges Redard⁸. Esse modelo consiste mais especificamente numa apresentação do texto em colunas. Na primeira coluna, se encontra o texto do próprio *Curso* redigido por Bally e Sechehaye. Nas três colunas seguintes, B, C e D são apresentadas as fontes conhecidas sempre dispostas em função da primeira coluna. Nas duas colunas restantes, E e F, são apresentadas fontes desconhecidas pelos editores do trabalho de 1916 e os manuscritos do próprio Saussure. Nesse modo de apresentação, as fontes manuscritas aparecem dispostas de forma não linear, na medida em que são apresentadas em função da ordem de exposição do *Curso*. Há, contudo, um sistema de referência permitindo seguir um fragmento qualquer em sua continuidade. Se Bally e Sechehaye optaram pela organicidade, Engler dirá que se trata agora de se interessar pelas variações e hesitações que, a seu ver, inspiram e fecundam o pensamento. O segundo tomo desta edição, publicado em 1974, é consagrado unicamente aos escritos de linguística geral e retoma todos os textos genebrinos disponíveis na época, excetuando os escritos consagrados à linguística indo-europeia.

Essas duas obras servirão de base para um terceiro trabalho crítico sobre as fontes manuscritas do *Curso*, a saber: a edição estabelecida pelo italiano Tullio de Mauro, publicada em 1967⁹. Essa edição do *Curso* traz 305 notas, de um valor inestimável, visando a diversos objetivos: complementar passagens relativas a autores e fatos presentes no texto dos editores; comparar passagens do texto com notas manuscritas inéditas ou a serem publicadas; historicizar o texto de Saussure.

Os dois projetos editoriais posteriores a esses três que acabamos de apresentar e que são mais recentes seguem uma orientação outra. Desta vez, se privilegiará uma apresentação dos textos originais em sua continuidade, tal qual eles se apresentam, isto é, não mais em função do *Curso*, mas neles mesmos e por eles mesmos. Assim, o japonês Eisuke Komatsu edita alguns cadernos de estudantes em sua quase integralidade – são omitidas apenas as partes relativas ao estudo das línguas indo-europeias, aspecto já bastante conhecido do trabalho de Saussure (SAUSSURE, 1993, 1996, 1997).

Comentando a composição do *Curso de linguística geral* redigido por Bally e Sechehaye, Komatsu observa que ela, “[...] longe de ser natural é antes artificial, até mesmo por vezes incompreensível” e, justamente, “[...] um dos objetivos da publicação dos cadernos manuscritos é elucidar o real desenvolvimento do pensamento de Saussure.” (KOMATSU, 1996, p.VII). Esse modo de apresentação

⁸ Confira Engler (2003, p.19).

⁹ Portanto, De Mauro (1985c, p.xvii) teve acesso ao trabalho de Rudolf Engler antes de sua publicação em 1968. Na introdução à sua edição crítica, ele agradece a intervenção de Engler junto à editora Harrassowitz que, desde 1964, permitiu que ele consultasse as provas da edição Engler.

em que se procura opor o *Curso* às fontes manuscritas se radicaliza com Bouquet, cujo projeto editorial será tratado a seguir em particular.

Os *Écrits de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure

Trata-se aí de uma edição organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler que traz a integralidade dos textos manuscritos de Saussure sobre a linguística geral, bem como as lições de linguística geral, em sua continuidade. Apenas uma parte dessa edição é constituída de textos inéditos, correspondentes a um fundo descoberto em 1996 na ocasião de uma reforma da residência de Saussure, o restante sendo constituído dos textos já publicados nas edições Engler (1968/1974), a cujo sistema de indexação ela remete.

Bouquet (1999), justificando esse novo projeto, identifica na história da filologia saussuriana dois paradigmas editoriais: o “paradigma do *Curso* de linguística geral como obra” e o “paradigma das lições orais e dos manuscritos de Saussure como obra”. Trata-se de uma classificação que pretende distinguir, de um lado, uma apresentação do pensamento de Saussure segundo uma lógica que não lhe é própria; de outro, uma apresentação realizada de tal forma que uma continuidade do pensamento de Saussure possa ser recuperada. O projeto de Bally e Sechehaye se inscreve, segundo Bouquet (1999), no primeiro paradigma: “Se o *Curso* pode ser considerado como a obra de Ferdinand de Saussure, trata-se em todo caso de uma obra bastante particular. Essa particularidade está ancorada na visão e na vontade de Bally e Sechehaye”, visão esta que Bouquet (1999) assim resume:

Lá onde o mestre, em seus escritos e em seus cursos, elaborava uma meditação de filosofia das ciências a propósito da gramática comparada, ou empreendia uma reflexão metafísica incisiva e hesitante, os alunos tinham como dever reduzir o pensamento saussuriano ao puro programa de uma linguística futura.

O projeto que Antoine Meillet pretendia realizar com a colaboração de Paul Regard, por sua vez, inscreve-se, de acordo com Bouquet, no segundo paradigma. Em relação aos projetos editoriais posteriores, Bouquet inscreve o projeto de Robert Godel no segundo paradigma. Contudo, “não se trata de uma edição de textos propriamente dita, mas (entre outros objetivos) um trabalho preparatório para uma edição dos textos.” (BOUQUET, 1999). Quanto à edição de Engler, esta “[...] vai adotar muito claramente o ponto de vista oposto, a saber, do *Curso como obra*.” (BOUQUET, 1999).

Bouquet parece, em alguma medida, relativizar a importância desses dois trabalhos. Como vimos mais acima, em sua opinião, é somente hoje, isto é, no

início do século XXI, que os textos originais de Saussure se tornam efetivamente acessíveis. No início deste texto, nós alegamos em sentido contrário, afirmando que, na verdade, a maior parte dos textos disponíveis hoje já se encontrava disponível na edição Engler de 1968. Bouquet (1999) responde a tal objeção afirmando que

[...] é, de fato, bem difícil ler, nessa edição [Engler], os instantes das lições orais em sua continuidade. O mesmo sendo válido para os textos da mão de Saussure. O objetivo da obra é permitir, partindo do texto do *Curso de linguística geral* e considerando fragmentos muito curtos deste, ter acesso aos textos originais que, segundo Godel, lhe correspondem. Dito de outro modo: permitir interpretar passagens problemáticas do *Curso de linguística geral*.

Portanto, segundo Bouquet, essa edição, ao preservar a ordem de exposição do *Curso*, inscrevendo-se no primeiro paradigma, preserva, ao mesmo tempo, uma lógica que não lhe é própria, de modo que o suposto verdadeiro Saussure permanece nas sombras, o que justifica seu projeto de reconstituição do pensamento de Saussure.

O *status* do *Curso* parece sofrer uma mudança: de um texto cuja redação – como, aliás, os próprios editores o admitem, de forma bastante honesta – incorre numa dupla crítica (SAUSSURE, 1985, p.10) se passa a um texto que “não ilustra de modo algum o pensamento de Saussure” (RASTIER, 2003, p.25). Claudine Normand comenta essa mudança de *status*:

Correlativamente [ao devoto trabalho de crítica textual] o *CLG* da edição de 1916 é designado como a ‘vulgata’, termo hoje banal que testemunha a sacralização da questão. Alguns chegam até a acusar os editores de ter deliberadamente deformado, transformado ou mesmo censurado o pensamento saussuriano. O texto do *Curso*, em sua continuidade e sua coerência reconstruídas, se encontra assim suspeito, e mesmo anulado, sucedâneo enganador oposto ao pensamento autêntico sustentado por um texto ideal e, como tal inacessível, do qual não conheceremos senão fragmentos ou uma versão, ela própria necessariamente reconstruída. (NORMAND, 2004, p.15).

Em nota de rodapé, a autora observa a propósito do trabalho de Bouquet:

O representante exemplar dessa posição é Simon Bouquet, cujo trabalho de erudição, aliás, extremamente precioso [...] é estragado por essa atitude estranhamente agressiva, ao passo que mesmo o editor escrupuloso das fontes manuscritas, Rudolph Engler, jamais tomou essa atitude. (NORMAND, 2004, p.15).

Com efeito, Engler, que edita e estabelece juntamente com Bouquet os *Écrits de linguistique générale*, curiosamente tem, no que concerne a essa questão, uma opinião radicalmente contrária à de Bouquet. Ele afirma, por exemplo:

Eu insisto e assinalo, eu continuo a afirmar que ele [o *Curso* redigido por Bally e Sechehaye] é algo de bom, que sem ele não teria havido linguística geral saussuriana. Que, uma vez descobertas as ‘fontes’, era, sem dúvida, impreterivelmente necessário trabalhar com os textos ‘autênticos’: foi esse o objetivo do CLG/E [*Curso* edição Engler] e não (como se chegou a pretender) o de perpetuar a ordem e as formulações de Bally e Sechehaye. Eu defendo ainda que é indispensável considerar esse ‘Saussure de 1916’. Ele é a medida da época 1916/57 – Saussure como o viam seus contemporâneos; uma interpretação tão fidedigna quanto certas interpretações do Saussure ‘cronológico’ [isto é, daquele das fontes manuscritas apresentadas em sua continuidade].

[...]

O *CLG* falsificaria a visão de Saussure? O que Jaberd (1916) escreveu de positivo sobre Saussure e o *CLG*, as questões críticas que ele coloca – e que revelam entre as linhas que ele havia podido ler a opinião verdadeira de Saussure – são para mim a prova do contrário. A mesma coisa vale para *De Saussure’s system of linguistics* de Rulon S. Wells, (*Word*, 3, 1947). A repulsa de Schuchardt (que não podia saber que Saussure o admirava!) merece, contudo, até esse dia também a atenção. Rogger, em *Kritischer Versuch über De Saussure’s system of linguistics* [sic] (1941), permite por outro lado medir a incompreensão que reina em outras mentes, uma incompreensão que teria resistido aos ‘textos autênticos’ – tanto quanto ao *CLG*. (ENGLER, 2003, p.18).

Em outro texto, Engler afirma ainda:

Alguns sustentam que Saussure teria sido traído por Bally e Sechehaye e que o *CLG/E*, que segue o uso que eles fazem das lições, era necessariamente ‘inautêntico’, e perpetuou o dano causado pelo *Curso*. Entretanto, um sistema de referências permitia a reconstrução imediata da ordem própria do curso e das notas. Embora eu acolha qualquer reflexão sobre a linguística de Saussure, eu não penso que estudos posteriores baseados em edições ‘cronológicas’ tenham feito grandes progressos, a ponto de as novas interpretações serem tão díspares. (ENGLER, 2004, p.56).

Essas citações falam por si mesmas. Engler se mostra em profundo desacordo com as opiniões de Bouquet, não compartilhando de modo algum as evidências que justificam a hipótese de uma “herança atrasada”, e nesse sentido Engler parece defender um ponto de vista contrário, sendo, assim, um autor da filologia saussuriana que não cede à tentação de uma dicotomia fácil entre o *Curso* e as

fontes manuscritas, portanto, não cede à tentação de atribuir simplesmente à descoberta das fontes manuscritas a mudança de representação em relação a Saussure, a que se assiste atualmente. Criticando a ideia de um Saussure dito autêntico, que, muitas vezes, conduz a uma visão quase mítica de Saussure, Engler (2003, p.18) sustenta que “[...] as correntes anti-saussurianas modernas são completamente legítimas e o saussuriano deveria manter a discussão com elas.” Trata-se aí de um ponto de vista que se pretende, antes de tudo, crítico.

Engler compara a recepção de Saussure com o que se passa num filme intitulado *Distant voices* de Terence Davies, 1987. O filme se inicia com vozes, pedaços de frases, vindos de não se sabe exatamente onde, que tecem uma história fugidia cujo sentido emerge segundo a vontade dos que a escutam: “[...] somos tentados a assimilar a essas vozes a longa história dos textos saussurianos – autênticos, supostos, interpretados (uma vez que o autor não está mais presente) segundo aqueles que os percebem.” (ENGLER, 2003, p.16). Opor as fontes manuscritas ao *Curso*, de alguma forma, conduz a desprezar o trabalho dos editores, e a deixar de lado o estudo do *Curso* e de seu papel, ambíguo, na constituição de disciplinas ao longo do século XX. A posição de Engler, em consonância com a orientação histórica, parece indicar, ao contrário, a importância de um estudo em torno da recepção das ideias de Saussure ao longo do século XX com o objetivo de compreender os interesses implicados nas diversas leituras, a serem situadas geográfica e temporalmente, começando pela própria leitura dos editores. E nesse caso as fontes manuscritas são, sem dúvida, fundamentais. Concluiremos nossa reflexão analisando um aspecto dessa recepção pelos editores.

O trabalho dos editores do *Curso*: traição ou excesso de fidelidade?

A leitura das fontes manuscritas de Saussure permite identificar uma alteração dos editores concernente à ordem de exposição das ideias de Saussure. Como se sabe, o terceiro curso de linguística geral ministrado por Saussure, que serviu de base para o *Curso de linguística geral* escrito por Bally e Sechehaye, inicia-se com uma reflexão em torno da diversidade das línguas, da qual deriva o conceito de língua e não o contrário, como acontece na obra dos editores, que somente na quarta parte, intitulada “Linguística geográfica” o tema da diversidade das línguas é abordado. Segundo Johannes Fehr (2000, p.66):

O que falta no trabalho de Bally e Sechehaye é uma apresentação do conceito [de língua] em perspectiva histórica tal como a estrutura do *Curso III* de Saussure deixa ver claramente, o esforço feito para derivar a ‘língua’ a partir do que nesse curso é designado como ‘uma primeira constatação nos fatos de linguagem’, como o ‘fato decisivo

da linguística', isto é, a pluralidade das línguas concretas ou ainda sua 'diversidade geográfica'.

Mas será que podemos falar em traição do pensamento de Saussure por parte dos editores do *Curso*?

Diferentemente de Bally e Sechehaye, a maior parte dos linguistas contemporâneos de Saussure critica o caráter demasiado abstrato de suas ideias sobre a linguística geral. Hugo Schuchardt (apud NORMAND et al., 1978, p.174), por exemplo, afirma em 1917 em sua resenha do *Curso*,

[...] há sistemas que já estão inscritos nas coisas apenas pedindo para serem descobertos e sistemas que nós criamos para aplicá-los às coisas. À primeira categoria pertence, no que concerne a Saussure, o 'sistema primitivo das vogais nas línguas indo-européias', contido no *Mémoire* de 1878; diz respeito à segunda categoria o sistema de linguística geral que nos é neste momento proposto, a título póstumo. Sistemas deste tipo têm um valor apenas provisório e condicional; A. Hamack tinha razão em observar se endereçando a um jovem etnógrafo no álbum de família: Os sistemas são como ninhos; eles perdem todo valor quando as verdades que eles protegem alçam vôo.

Paul Regard (apud DE MAURO, 1985a, p.347), por sua vez, afirma em 1919:

O ponto fraco do trabalho, em geral excelente, que publicaram MM. Bally e Sechehaye é deixar crer que F. de S. separou a mudança linguística das condições exteriores das quais ela depende... Mas o autor do presente prefácio mais de uma vez ouviu F. de S. explicar por meio de condições exteriores não somente as mudanças linguísticas, mas a conservação de certos traços. É assim que ele atribuía o prodigioso arcaísmo do lituânio à longa persistência do paganismo nas regiões do falar lituânio.

Na opinião de Antoine Meillet (apud NORMAND et al., 1978, p.166), “[...] ao separar a mudança linguística das condições exteriores das quais ela depende, F. de Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável.”

De fato, a primeira recepção do *Curso* considerou essa obra uma perversão do Saussure “real”, isto é, uma perversão do Saussure do *Mémoire*, ou uma especulação demasiado abstrata que desconsiderava importantes aspectos de ordem empírica, de modo que sua novidade quase não foi percebida (PUECH, 2004). Sechehaye é, nesse aspecto, uma exceção. Com efeito, posicionando-se contra uma evidência ainda predominante nessa época, segundo a qual é no devir da língua que se deve procurar o segredo de seu funcionamento, Sechehaye insiste, por exemplo, na importância da separação radical entre sincronia e diacronia.

Em sua resenha do *Curso*, na verdade, como observa Chiss (1978), menos uma resenha do que um artigo de caráter histórico e crítico, ele apresenta um panorama dos estudos linguísticos visando a situar Saussure e ressaltar o caráter teórico e sistemático da perspectiva saussuriana, em oposição, por exemplo, àquela de William Dwight Whitney. Portanto, essa alteração por parte dos editores provavelmente indica mais uma preocupação em fazer evidenciar aquilo que o pensamento de Saussure trazia de novo do que uma tentativa de deformá-lo ou mesmo falseá-lo. Nesse sentido, podemos dizer que se tratou, de fato, menos de traição do que excesso de fidelidade.

Concluiremos enfim nosso breve percurso dizendo que toda tentativa de reconstituição do pensamento de Saussure está necessariamente fadada a uma intervenção qualquer por parte de seus autores na exata medida em que se trata aí da reconstituição de um texto irremediavelmente inexistente: como reconstituir aquilo que nunca se constituiu efetivamente? O *Curso* é certamente o resultado dessa tentativa, sem a qual não haveria, como observou Engler, linguística geral saussuriana. Há, contudo, um limite na aventura que embarcaram Bally e Sechehaye, uma aventura que pode ser continuada, sem dúvida, mas é preciso que nos perguntemos sobre seu interesse efetivo atualmente. Particularmente acreditamos que o trabalho filológico representa uma importante ferramenta que, certamente, pode e deve auxiliar a leitura do *Curso*, mas não acreditamos que ele venha mostrar um outro Saussure oposto ao Saussure do *Curso*. Ele se opõe, antes, a uma certa representação de Saussure que o próprio *Curso*, todavia, permite, muitas vezes, desconstruir. O que nos parece mais fecundo, portanto, é uma crítica permanente às evidências de que o século XX produziu e não a produção de novas evidências, como a evidência mais ou menos recente de um Saussure “autêntico”.

CRUZ, M. A. Saussurean philology: contemporary debates. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.107-126, 2009.

- **ABSTRACT:** *It seems that currently a certain representation of De Saussure vanishes and many scholars fell embarrassed at keeping spreading an image of a structuralist De Saussure who would have founded the linguistic science by delimitating its object, la langue – opposed to la parole – which should be studied separately. But what should we attribute such a change of representation to? Surely, to the discovery of Saussurean manuscripts, will say some scholars, particularly the philologists. This point of view, however, is not a consensus and divergences coming from the philology itself are observed. Two opposed positions concerning such divergences are herein analyzed: Simon Bouquet’s and Rudolf Engler’s representations of De Saussure. We will study both in historical perspective so as to reconstitute the context the birth of Saussurean philology, its motivations, and the forms it has taken during the 20th century, which will shed some light to the problem.*
- **KEYWORDS:** *Saussurean studies. History of linguistic ideas. Saussureanism. De Saussure. Saussurean philology.*

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris: Gallimard, 1966.

_____. Nature du signe linguistique. *Acta Linguistica*, Copenhagen, v.1, 1939, p.23-29.

BOUQUET, S. Saussure après un siècle. In: BOUQUET, S. (Dir.). *Cahier de l'Herne*: Ferdinand de Saussure. Paris: Éditions de L'herne, 2003. p.11-15.

_____. *La linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Paris, 1999. Disponível em: <<http://www.revue-texto.net>>. Acesso em: 30 set. 2008. Não paginado.

CHISS, J.-L. *Fondations de la linguistique: études d'histoire et d'épistémologie*. 2.éd. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1997.

_____. Les lectures du Cours de Linguistique Générale. In: NORMAND, C. et al. *Avant Saussure: choix de textes, 1875-1924*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978. p.155-200.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. *Le langage et ses disciplines XIXe – XXe siècles*. Bruxelles: Duculot, 1999.

DE MAURO, T. Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Publié par C. Bally et A. Sechehaye avec la collaboration d'A. Riedlinger, édition critique préparée par Tullio de Mauro, postface de Louis-Jean Calvet. Paris: Editions Payot & Rivages, 1985a. p.405-477.

_____. Notes. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Publié par C. Bally et A. Sechehaye avec la collaboration d'A. Riedlinger, édition critique préparée par Tullio de Mauro, postface de Louis-Jean Calve. Paris: Editions Payot & Rivages, 1985b. p. 405-477.

_____. Introduction. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Publié par C. Bally et A. Sechehaye avec la collaboration d'A. Riedlinger, édition critique préparée par Tullio de Mauro, postface de Louis-Jean Calvet. Paris: Editions Payot & Rivages, 1985c. p. I-XVIII.

ENGLER, R. The making of the Cours de linguistique générale. In: SANDERS, C. (Org.). *Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p.47-58.

_____. Polyphonie. In: BOUQUET, S. (Dir.). *Cahier de l'Herne*: Ferdinand de Saussure Paris: Éditions de L'herne, 2003. p.16-19.

FEHR, J. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris: PUF, 2000.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*. Genève: Droz, 1957.

KOMATSU, E. Forword. In: SAUSSURE, F. de. *Deuxième cours de linguistique générale: 1908-1909*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger. Oxford: Pergamon, 1996. p.vii-ix.

LUCIDI, M. L'équivoco de 'l'arbitraire du signe': *Cultura neolatina*, Roma, n.10, p.185-208, 1950.

MERLEAU-PONTY, M. *Éloge de la philosophie* et autres essais. Paris: Gallimard, 1953.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*, tomo 2, Paris: Klincksieck, 1938.

MORPURGO-DAVIES, A. Saussure and Indo-European linguistics. In: SANDERS, C. (Org.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.9-29.

NORMAND, C. *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

_____. La question d'une science générale. In: AUROUX, S. (Org.). *Histoire des idées linguistiques*. Liège: P.Mardaga, 2000a. Tome 3, p.441-448.

_____. Les thèmes de la linguistique générale. In: AUROUX, S. (Org.). *Histoire des idées linguistiques*. Liège: P. Mardaga, 2000b. Tome 3, p.449-462.

_____. La généralité des principes. In: AUROUX, S. (Org.). *Histoire des idées linguistiques*. Liège: P. Mardaga, 2000c. Tome 3, p.463-472.

_____. Comment faire l'histoire de la linguistique? In: ACTES du colloque Les sciences humaines, quelle histoire. Paris: Université de Paris X – Nanterre, 1980. p.271-288.

NORMAND, C. et al. (Org.). Saussure et la linguistique pré-saussurienne. *Langages*, Paris, n.49, p.66-90, 1978.

PICHON, E. La linguistique en France: problèmes et méthodes. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, Paris, v.34, p.25-48, 1937.

PUECH, C. Saussure and structuralist linguistics in Europe. In: SANDERS, C. *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.124-138.

_____. L'esprit de Saussure – Paris contre Genève: l'héritage saussurien. *Modèles Linguistiques*, Lille, v.20, n. 1, 2000, p.79-93.

RASTIER, F. Le silence de Saussure ou l'ontologie refusée. In: BOUQUET, S. (Dir.). *Cahier de l'Herne: Ferdinand de Saussure*. Paris: Éditions de L'herne, 2003.

p.23-51.

SAUSSURE, F. de. *Écrits de linguistique générale*. Établis et édités par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration d'Antoinette Weil. Paris: Gallimard, 2002.

_____. *Deuxième cours de linguistique générale: 1908-1909*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois. Oxford; New York; Seoul: Pergamon, 1997.

_____. *Deuxième cours de linguistique générale: 1908-1909*. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger. Oxford: Pergamon, 1996.

_____. *Troisième cours de linguistique générale: 1910-1911*: d'après les cahiers d'Emile Constantin: Saussure's third cours of lectures on general linguistics: 1910-1911: from the notebooks of Emile Constantin, édité par Eisuke Komatsu. New York: Pergamon, 1993.

_____. *Cours de linguistique générale*. Publié par C. Bally et A. Sechehaye avec la collaboration d'A. Riedlinger, édition critique préparée par Tullio de Mauro, postface de Louis-Jean Calvet. Paris: Payot & Rivages, 1985.

_____. *Cours de linguistique générale*. Edition critique par R. Engler. Appendice, notes de F. de Saussure sur la linguistique générale. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1974. Tome 2.

_____. *Cours de linguistique générale*. Edition critique par R. Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968. Tome 1.

Recebido em setembro de 2008.

Aprovado em novembro de 2008.